

Exposição

B E L É M



DEMOLIR
PARA ENCENAR

do séc.XVI ao séc.XXI

Em 1940, a Exposição do Mundo Português e Belém pareciam um só.

(Imagem na capa)

Rua Vieira Portuense, 23-02-1939. Eduardo Portugal, 1900-1958.
POR056643. Arquivo Municipal de Lisboa (AML)

O lugar ajudava a contar a história do passado da nação: Mosteiro dos Jerónimos, rio Tejo, Praça Afonso de Albuquerque, Torre de Belém. A vasta dimensão do certame tomou conta do bairro, e Belém para além da Exposição parecia não existir. O Estado Novo anunciava admiráveis transformações naqueles terrenos vazios, disponíveis para receber tão grande festa. Mas que lugar era este, antes de 1940? E em que lugar se tornou, finda a Exposição? Qual o papel deste evento no percurso urbano de Belém?

Para lá dos terrenos de facto incultos, o bairro possuía um núcleo urbano denso, variado, atractivo. Vivia-se e comerciava-se em ruas, travessas e largos consolidados ao longo dos séculos, em crescendo de urbanidade desde que o Infante D. Henrique mandou ali construir uma primeira igreja. Este núcleo urbano e popular complementava o carácter erudito e nobre que as quintas e palácios em redor conferiam a Belém.

A preparação da Exposição do Mundo Português implicou um número de demolições significativo, que amputou o bairro em muitas das suas valências: estrutura urbana, habitações, espaços comerciais, lugares de sociabilidade, mercado e mesmo edifícios patrimonialmente relevantes.

Depois do certame, e durante décadas, o vazio.

Hoje, no início do século XXI, a Exposição do Mundo Português permanece no lugar, em estruturas físicas que podemos ver e tocar, mas sobretudo de forma incorpórea.

UM BAIRRO EM CRESCIMENTO

Quando o Infante D. Henrique (1394 – 1460) manda edificar a primeira igreja de Santa Maria de Belém, a aldeia do Restelo já possuía intensa dinâmica comercial, maioritariamente relacionada com as embarcações que acostavam naquela praia, o primeiro ancoradouro abrigado à entrada do Tejo. No início do século XVI, reinando D. Manuel I (1495 – 1521), este lugar vincula-se para sempre aos *Descobrimentos*: as embarcações trazem toda a espécie de novidades e de riquezas, ergue-se a obra imensa do Mosteiro dos Jerónimos. Belém torna-se atractiva e cosmopolita. Desde então, e pelos séculos seguintes, a aristocracia fixa-se em quintas de recreio e palácios junto desta nova centralidade, confirmando o papel destacado de Belém enquanto lugar de representação e de poder, cortesão e erudito. Após o terramoto de 1755, com a cidade de Lisboa destruída,

a corte e a nobreza transferem-se para o eixo Belém-Ajuda – o novo centro de decisão política. Paralelamente, encontramos uma povoação em crescimento, fruto de contínua afluência populacional, que se desenvolve com os traços característicos de muitos lugares ribeirinhos: rua direita paralela ao rio e travessas perpendiculares. Aqui, a dinâmica é popular e habitacional, sobretudo com a vinda de todos quantos serviam os grupos sociais privilegiados. É também sítio de comércio e de intensa actividade artesanal. Constitui-se, enfim, um núcleo denso, compacto e múltiplo – numa palavra, urbano.

Vista de Santo Amaro
e Prospectiva do Lugar de Belém
Amsterdão, c.1700
Gravador Pieter van der Berge
(c.1659-1737)
Gravura a água-forte, aguarelada
a cores | MNAA, inv. 14078 Grav

Un étranger qui va à Belem croit n'avoir pas quitter Lisbonne. Belem est une bourgade considerable, où la plupart des nobles et des gents d'affaires de la classe supérieur, ont leurs habitations.

M. Link, *Voyage en Portugal, Depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1805



*Um estrangeiro que vá a Belém acredita que não saiu de Lisboa.
Belém é uma povoação considerável, onde a maioria dos nobres
e dos homens de negócios têm as suas casas.*

M. Link, *Voyage en Portugal, Depuis 1797 jusqu'en 1799, 1805*



Belém, desenho de Pier Maria Baldi, c. 1668, in Florence, Biblioteca Medicea Laurenziana, ms .Med. Palat. 1231, f. 130bis. Reproduzido com permissão de MiBACT

BELÉM EM 1939: UM SÍTIO AINDA ANTIGO



Chafariz dos Golfinhos, ou Chafariz de Belém, no Largo Frei Heitor Pinto, c. 1939. Eduardo Portugal (1900–1958). POR057606. AML

A partir da segunda metade do século XIX Belém cresceu. Primeiro em autonomia, quando foi sede de concelho por três décadas. Depois fisicamente: o Aterro construído no final do século XIX regularizou a margem ribeirinha, expandindo para Sul os terrenos disponíveis para construção.

Em 1939 encontramos uma Belém multifuncional. Palácios delimitam a área, recordando a presença aristocrática. O Mercado de Belém perpetua a actividade comercial, em grande parte relacionada com o rio. O Chafariz dos Golfinhos culmina uma sucessão de chafarizes que remonta ao século XV. Estes usos, e outros já desaparecidos, estão expressos na toponímia dos espaços públicos.

Pelas ruas deste centro urbano vemos edifícios comuns, de imagem

despretensiosa e escala normal, valorizando – por contraste – a monumentalidade dos Jerónimos. Há habitação, comércio, serviços e associações instalados em edifícios de datações várias que coexistem naturalmente. Alguns destacam-se dos demais, como os porticados da Rua Vieira Portuense ou o nº 138 da Rua de Belém.

Entretanto, as novas políticas urbanas do Estado Novo privilegiam ambientes ruralistas e controláveis e assim serão os novos bairros de casas económicas, como o vizinho Bairro das Terras do Forno.

Ao contrário, a área em redor da Rua de Belém materializa na sua estrutura urbana uma história secular, ligada ao rio e a um quotidiano tecido à sombra do Mosteiro.

*Como povoação, Belém tem inteiramente
o carácter de um bairro urbano (...).*

Ramalho Ortigão, *As Praias de Portugal*.
Guia do Banhista e do Viajante, 1876



Travessa da Praça, vista para
sul, com o Mercado de Belém ao
fundo, 1939. Eduardo Portugal
(1900-1958). POR057278. AML

O CICLONE CENTENÁRIO



Trabalhos preparatórios para a construção da Exposição do Mundo Português, ant. 1940. CFT164.2653.ia Col. Estúdio Horácio Novais I FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos

Se o objectivo da Exposição do Mundo Português era celebrar os momentos áureos do passado nacional, então Belém era o cenário óbvio devido à associação com os *Descobrimentos*. O lugar foi apresentado como vazio, disponível para receber o certame, e em parte assim era: extensos terrenos permaneciam expectantes desde a construção do Aterro.

Sobre o núcleo urbano, os planos eram imprecisos e nenhuma imagem era divulgada. O *Regime dos Centenários*, publicado em 1938, estabeleceu a base legal que tudo permitiria.

Na realidade, metade do bairro desapareceu numa operação pouco documentada, logo apelidada de *Ciclone Centenário*. Processo lento, manual, intercalado por iniquidades, desalojamentos e expropriações. O Mercado é desactivado, ruas inteiras desaparecem e com elas edifícios já então valorizados patrimonialmente. Os pavilhões

da exposição começam a ser erguidos. Durante meses, o tempo da destruição da vida real coincidiu com o tempo da construção de um sonho.

Este processo é relatado pelo jornal *Écos de Belém*. Lendo-o pressentimos a evolução do olhar dos belenenses: primeiro animados com as transformações prometidas, depois inquietos com a chegada da realidade, logo suplicantes perante a devastação, por fim resignados face à inevitabilidade.

A destruição de áreas consolidadas em redor de monumentos foi comum nesta época, denotando desconhecimento do que hoje classificamos como património urbano. Aqui, tais demolições implicaram também a negação do devir do bairro na direcção que vinha tomando desde há séculos: urbanização e urbanidade crescentes.

*Não dizemos nada a ninguém senão quando
a Exposição estiver pronta...*

Cottinelli Telmo, *Revista dos Centenários*, n.6, 1939

Edifício n. 138 da Rua de Belém, trabalhos preparatórios para a
construção da Exposição do Mundo Português, ant. 1940. CFT164.190445.ia
Col. Estúdio Horácio Novais I FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos



EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS



Trabalhos preparatórios para a construção da Exposição do Mundo Português, ant. 1940. CFT164.190441.ia Col. Estúdio Horácio Novais I FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

No dia 23 de Junho de 1940 foi inaugurado o mais destacado evento cultural do Estado Novo. Dos 442.000 m² ocupados sobressai a Praça do Império, desenhada pelo arquitecto-chefe da exposição Cottinelli Telmo. A Praça do Império é o elemento estruturador do recinto e o único planeado para perdurar. A construção desta praça e a reorganização do sistema viário envolvente integraram o Plano Director de Urbanização de Lisboa, de Etienne de Gröer – projecto que repensou a cidade no seu todo e procurou reaproximá-la do rio. Contrariamente à perenidade da Praça do Império, os pavilhões possuíam estruturas frágeis, metálicas e de madeira – arquitectura efémera, mascarada com revestimentos simulando materiais duradouros e sólidos. O comissário-geral Augusto de Castro anun-

ciava uma *cidade de ilusões*; hoje chamar-lhe-íamos um parque temático de cariz historicista. Em nada se pode comparar o ambiente desta *cidade espiritual* com o da cidade real que ali existia. Durante aqueles meses, o antigo núcleo urbano de Belém foi substituído por espaços de circulação, parques de estacionamento e pavilhões irrelevantes para o discurso histórico do certame, como a Casa de Santo António ou o Bairro Industrial e Comercial. Para este último estava prevista a edificação da “Casa de Belém”, reconstrução *daquela antiqüíssima propriedade existente na Rua de Belém* – assim denotando a atribuição de valor patrimonial àquela casa recém-demolido. A exposição durou 163 dias e encerrou em 2 de Dezembro de 1940.

*Esta exposição não é mais do que
uma cidade de ilusões.*

Augusto de Castro, *A Exposição do Mundo Português
e a sua Finalidade Nacional*, 1940



Trabalhos preparatórios para a construção da Exposição do Mundo Português, ant. 1940. CFT164.280942.ia Col. Estúdio Horácio Novais I FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos

DEPOIS DA FESTA: QUE PLANOS PARA BELÉM?



Lugar do núcleo urbano de Belém demolido, 1966.
Casa Fotográfica Garcia Nunes. NUN001777. AML

A fragilidade estrutural dos pavilhões obrigou à demolição imediata de muitos deles, excetuando os mais importantes – mas mesmo estes foram desmontados poucos anos depois.

Os vastos terrenos ocupados pela exposição foram ficando desertos. Pontualmente, parcelas desse espaço eram ocupadas de forma errática, mas logo o abandono prevalecia. Tornou-se evidente a ausência de uma estratégia para este lugar após o certame.

O vazio cresceu e durou décadas. De 1940 subsiste a Praça do Império, o Padrão dos Descobrimentos refeito (1960), alguns pavilhões transformados e elementos escultóricos dispersos. Mas mais significativa é a permanência incorpórea da exposição. É disso exemplo o conjunto de planos quiméricos, ancorados ainda numa lógica imperial, que o arquiteto

Cristino da Silva desenhou para aqui (1954-1961). Mais tarde, Belém refez-se aos poucos, insistindo na utilização lúdica e expositiva, na escala monumental do edificado, no olhar sobre o sítio como espaço de representação. No centro de Belém, não mais sobreveio a anterior urbanidade. Desde 1948, com o Museu de Arte Popular, proliferaram os equipamentos culturais, com destaque para o Centro Cultural de Belém – que efectivamente despertou Belém da letargia em que vivia desde 1940. Já no século XXI, o novo Museu dos Coches e o MAAT (Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia) vêm perpetuar o carácter que a Exposição do Mundo Português conferiu a Belém, reforçando a sua dinâmica eminentemente turística.

Quando afinal as luzes de mil côres deixarem de incidir sobre os pavilhões, quais são os candieiros que ficam acesos na nossa freguesia?

Écos de Belém, 10-7-1940



Panorâmica de Belém no início do século XXI:
Centro Cultural de Belém e Praça do Império.
©Luís Pavão.

Exposição

BELÉM: DEMOLIR PARA ENCENAR

do séc. XVI ao séc. XXI

16 Fevereiro a 17 Maio 2020
Padrão dos Descobrimentos

Coordenação

Margarida Kol de Carvalho
Maria Cecília Cameira

Comissário Científico

Pedro Rito Nobre

Secretariado Executivo

Conceição Romão
Rita Lonet

Mediação Científico–Pedagógica

Serviço Educativo – Padrão dos
Descobrimentos

Concepção Plástica e Realização

António Viana

Assistente de Realização

Nuno Magalhães

Conservação Preventiva

Maria Helena Nunes – Mão de
Papel

Desenho Gráfico da Exposição

Invisible Chapter

Imagem Gráfica - Materiais

Gráficos

Oland – Denominação de Origem
Criativa

Produção Audiovisual

Digital Azul

Projecto Audiovisual

WebStudio, Lda

Vinis e Papel de Parede

Escarigo Factory – Centro de
Produção Digital

Projecto de Luminotecnia

Vitor Vajão

Tradução

Ana Macedo

AGRADECIMENTOS

AR/PAB – Álvaro Roquete
– Pedro Aguiar Branco

Arquivo de Documentação
Fotográfica / DDCI

Arquivo Diário de Notícias

Arquivo Municipal de Lisboa |
Fotográfico | Videoteca

Arquivos Nacionais da Torre
do Tombo

Biblioteca de Arte | Fundação
Calouste Gulbenkian

Centro Cultural de Belém

Centro de Arqueologia de Lisboa

Cinemateca Portuguesa

– Museu do Cinema

Direcção Geral do Território

Gabinete de Estudos Orlisiponenses

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Joao Pedro Eiras Antunes

Museu de Lisboa

Museu Nacional de Arte Antiga

Nota

Por decisão do autor os textos
não seguem o acordo ortográfico